



Às Gerações Futuras



Coleção Memória das Lutas Populares,
Volume I

Às Gerações Futuras

Poesias Inéditas de
Emmanuel Bezerra dos Santos

Organização:
Ponto de Cultura Tecido Cultural
Equipe CENARTE / CDHMP

Homenagem aos 15 anos da DHnet
Rede Direitos Humanos e Cultura
www.dhnet.org.br



Às Gerações Futuras © 2010 - Natal/RN
Coleção Memória das Lutas Populares, Volume I
Homenagem aos 15 da DHnet Rede Direitos
Humanos e Cultura www.dhnet.org.br

Capa:
Venâncio Pinheiro

Projeto Gráfico:
Alessandro Amaral

Revisão:
Aluizio Matias dos Santos

Digitação:
Augusto Matias B. O. Santos

Ficha catalográfica



Sumário

Prefácio	7
Apresentação	11
O pássaro preso na gaiola	15
A hora do adeus	17
Regresso	19
Uma manhã na terra	21
Dezesseis Primaveras	23
Quem sou eu	25
Vitória	27
Caiçara	29
A perda de um ninho	31
Sonhador	33
Tu és	35





Para alguém que dirá com **37**
saudades quando vier

O Jovem Eu **39**

Meu único amor **41**

Pedido **43**

O teu seio **45**

Anexos **47**

As Gerações Futuras **49**

A Las Geraciones Futuras **51**





Prefácio

Falar de Emanuel Bezerra é quase uma catarse histórica. Conheci-o em meados dos anos sessenta, ao chegar à Casa do Estudante após cinco anos de internato no Colégio Diocesano Seridoense. Nossa primeira convivência se deu na eleição para o Grêmio da Casa. As primeiras lembranças dele, me levam ao rapaz magro e feio, testudo e de pele estragada, sentado na parte inferior de um beliche, escrevendo versos e comentários sobre os textos da Revista Civilização Brasileira. Não nos demos muito bem, de início. Com meu jeito falastrão, zoadento e intrometido, eu perturbava suas reflexões. Ele não escondia o desgosto das minhas visitas ao seu quarto.

Passado o tempo, fomos nos conhecendo melhor. E nos tornamos grandes amigos. Quando ele foi eleito Presidente da Casa do Estudante, convidou-me para ser o diretor cultural da Casa. Nossa gestão substituiu a do Presidente Kerginaldo Rocha, grande figura humana que Alexandria presenteou à humanidade. Na sucessão de Emmanuel, eu fui candidato único. Mas o Exército

interveio e me prendeu, impedindo as eleições.

Ao me enfronhar na leitura de marxistas, Emmanuel passou a me assediar politicamente. E foi ele quem me recrutou para o PCR. E me apresentou a Manoel Lisboa, o Galego, alagoano fundador do Partido. No livro “A Vida e a Luta do Comunista Manoel Lisboa”, o narrador conta, pg.16, que Emmanuel foi preso pela polícia internacional na fronteira da Argentina com o Chile. E confirma o que todos sabem: Que Emmanuel foi morto sob a mais brutal e requintada tortura das que se têm notícia. Ele, Manoel Lisboa, Mário Alves, Luiz Maranhão, Manoel Aleixo e muitos outros que foram assassinados lentamente, tendo partes do corpo arrancadas ainda em vida. Neste mesmo livro, na página 73, há uma referência de Leonardo Cavalcanti a minha pessoa. Ele declara que conheceu por meu intermédio o militante do PCR Jaime Ariston, e que Jaime o levou até Manoel Lisboa.

E é verdade. Tivemos um “ponto” numa pracinha do Recife, do “Chora menino”, nas proximidades da Ilha do Leite, Manoel

Lisboa, Emmanuel Bezerra, Jaime Ariston e eu. Foi a última vez que vi Emmanuel. Manoel Lisboa eu ainda vi uma vez, em Natal. E Ariston sempre me visitava quando vinha a Natal, já morta a ditadura. Foi nesse dia, da Ilha do Leite, que apresentei Ariston a Leonardo Cavalcanti.

Eu nunca havia escrito sobre essa reunião, que desaguou no meu desligamento do Partido. O PCR entendia que o Movimento Estudantil era apenas um fornecedor de quadros para a organização revolucionária. E que sua ação chegara a termo e ao cansaço. Percebida a minha insegurança quanto ao sucesso da luta armada, não havia mais condições de minha permanência na organização. O rompimento foi amigável. E eu continuo admirador de Emmanuel, Ariston, Lisboa e Leonardo. Do PCR e do nosso “adversário” PCBR, de Luciano Almeida e Juliano Siqueira. Não fosse a estupidez da ditadura e sua violenta reação desproporcional, poderia dizer que aqueles foram uns tempos de poesia. Até do lirismo dos versos adolescente de Emmanuel. Mas foi “um tempo sem sol...de se comer a



comida no meio da batalha”... “E tanta coisa por fazer”, versos de um poema já maduro de Emmanuel Bezerra.

Obrigado aos montadores dessa ação de resgate dos poemas inéditos de Emmanuel, pássaro que se soltou da prisão de sua cidadezinha para quebrar as grades do mundo, e este lhe abraçou com a morte mais cruel e desumana. Emmanuel Vive!

François Silvestre
Advogado e escritor
contemporâneo de Emmanuel





Apresentação

Com esta homenagem à memória do grande militante Emmanuel Bezerra dos Santos, o Centro de Direitos Humanos e Memória Popular-CDHMP inicia a Coleção Memória das Lutas Potiguares. Nesta primeira edição histórica estamos publicando os poemas inéditos de Emmanuel Bezerra tendo como parceiros fundamentais a Fundação José Augusto, o CENARTE – Centro de Estudos, Pesquisa e Ação Cultural, a DHnet – Rede de Direitos Humanos e Cultura e o Ponto de Cultura Tecido Cultural.

Começar com Emmanuel Bezerra esta relevante Coleção de Memória Histórica demonstra a preocupação de uma das missões do CDHMP que é contribuir para o resgate da memória colocando a disposição do público, informações e documentos para estudo e conhecimento de fatos históricos acontecidos no Mundo, no Brasil e no Estado do Rio Grande do Norte. Nesse sentido estaremos proporcionando reflexões acerca de nossa memória histórica, resgatando situações



culturais, fatos, valores e personagens que
contribuíram para a construção da vida
cultural e política.

Sendo assim a publicação das poesias de
Emmanuel Bezerra revelam a sensibilidade e
um momento lírico desse aguerrido
militante social que junto com seus
companheiros de época lutou fortemente
por uma sociedade livre, justa e igualitária.

Roberto Monte e
Aluizio Matias dos Santos
CDHMP/CENARTE





O pássaro preso na gaiola

O pássaro preso na gaiola
Na gaiola que é o mundo
Voar além quisera além no espaço
Além dos céus,
Além da vida, da mente e dos fracassos
Voar além... além...
E nunca em meio,
Ser livre como o vento.
Não ter freio
E cantar
Cantar , cantar
Diversos cantos imortais,
Cantos de outras eras
É o poeta este pássaro.



A hora do adeus

Agora que anoitece o sol se esconde
O adeus da despedida breve faço
A praia querida recebe o meu abraço
E a nossa amizade mais e mais se fronde

Adeus terra querida! Que a partida
Me espera e comovida embora triste
Parto e te deixo assim como já viste
Triste tão triste nesta triste vida

Adeus meu pedaço de céu puro
Cidade mãe que de berço me serviu
Parto mas sinto o que Jesus sentiu

Ao ser crucificado eu juro
Sofro tanto com o sofrer misturo
A pura alegria de um sentimento puro





Regresso

Minha terra me espera e tão contente
Regresso aquela vila mui saudoso!
Que seja meu regresso glorioso
Que gloriosa é toda aquela gente

Podem dizer que sou louco que é doidice
Todo esse meu pensar chorar sofrer
Pouco importa o que o povo diz ou disse

Minhas horas meus minutos meus segundos
Meu coração meus pensamentos minha vida
Tu és meu amor



Uma manhã na terra

Um nevoeiro cobre o céu de Março
A aurora da manhã surge sã e divina
Lá nos campos a gélida neblina
Cai em leve ritmo e leve compasso

Areia branca que do chão deriva
Na suave brisa desfalece e gela
A singela árvore que deriva a bela
Fruta silvestre dela então se priva

O mar sereno rumoreja e canta
Inda se levanta uma leve vaga
Com doce encanto o pescador afaga
O lindo peixe a lhe servir de janta

Na beira da praia onde quebra a vaga
Multicores peixes repentina vão
As céleres gaivotas ligeiras dão
Um vôo celeste que a neblina apaga

O galo canta com a voz que encanta
Suave canto do feliz cantor
A manhã airosa como um mar de flor
Devagar levanta o seu véu de santa



Dezesseis Primaveras

Tal qual sobre as asas da gaivota
Em rápida evolar em doce lida
Também os anos que o tempo anota
Céleres passam pela doce vida

Dezesseis primaveras é o tempo
Que assim passa como passa a vida
Foram em meu coração uma guarida
De amor e de bondade e de contente

Passam os anos como passam os ventos
E sigo bem feliz minha rotina
Como o vento passa a mais divina

Hora da vida e brando acento
Passa o vento da manhã suave e lento
Que tudo passa como passa o vento



Quem sou eu

Quem sou eu? Quem sou eu? Meu eu repete
Em louco alvoroço em louca lida
Quem sou eu? Quem sou eu? A mim compete
Responder a pergunta repetida

Mas como responder se nesta vida
Eu não sei onde vou onde me levam
Essa treva obscura que convida
A penetrar mais e mais dentro da treva!

Como cego enfim vou caminhando
Nesse caminho áspero e escuro;
Tanto mais as tontas vou andando
Quanto mais caminhando vê procuro

Como louco vagando sem governo
Sigo... sigo, sempre e sempre
No mar da vida ao léu, mas de repente
Em fúria sobre mim cai o inverno

Cai o inverno em fúria e tempestade
Meu Deus, meu Deus onde irei? E nada
Que ouço na triste madrugada
Responda-me meu Deus por caridade



Quem será que fala e que exclama
Em alta voz! E que consolo pede
Adeus e Deus não lhe concede?
É minha voz perdida que reclama

Que chora murmura, grita e clama
Desgarradas das vozes cá do mundo
E aquela que do pélagos profundo
Inda vibra, inda pede, inda se inflama

Como nada me responde
Nada a dizer então fico calado
Deixo ao mistério o mistério atado
E não respondo ao que minha alma brada

Não me culpo oh! Eu insatisfeito
De não responder-te em nada influi
Uma resposta em tom tão imperfeito
Olhai meu eu, eu sou quem sempre fui



Vitória

Nas tristes horas de padecimento
Vocíferas em desesperados tons
O meu cérebro exaltando os muitos dons
Que algum sairá do esquecimento

Enfrentando batalhas aterradoras
Meu espírito clama por vitória
Quer que eu venha possuir a glória
Almejada por mim em bravas horas

Meu coração meus olhos meus mínimos
pensamentos
Expressam a retumbância da palavra glória
Para terminar os meus tormentos

Qualquer voz vinda do além
Que pronuncie a palavra vitória
Minha boca acrescenta amém



Caiçara

Ficcioneando minha terra um deserto de Saara
Ao ver da bela praia as rutilas areias
Imagino ouvir o canto da sereia
Que se perde longínquo em Caiçara

O que importa realmente é viver
Sublimado na esperança alegre ou triste
De manhã vila saudosa! Eu te rever





A perda de um ninho

O dia está escuro como a noite
Resvalam nevoeiro na amplidão
E o vento frio num gelado açoite
Penetra dentro de meu coração

Ontem sorria já não mais sorrio
Ontem cantava já não canto mais
Apertando os lençóis contra este frio
Revejo o balançar dos coqueirais

Minha terra distante é como um ninho
É como um ninho quente que oferece
Guarida ao triste passarinho

Que triste evola sobre o frio que cresce
Então eu penso ser o passarinho
Que chora a perda de seu ninho agreste



Sonhador

Sonhador! Sonhador! Teu mundo é louro
Tem encantos sutis e tem venturas
Tem meiguice amores e tesouros,
Tem paixões tem vitórias e bravuras

Nos teus sonhos não vês as desventuras
Da vida amarga e os desdém da gente
Colocas teus amores nas alturas
E as desventuras passam e tu não sente

És feliz, és feliz e o teu caminho
Será sempre de flores bem florida
Nunca nas lutas estarás sozinho





Tu és

Tu és o meu anjo a senhora do meu mundo
És a razão do meu viver, és o meu céu
Ès minhas noites de luar, és minha lua
És minha inspiração, és tudo para mim

Teu sorriso é o meu bálsamo meu encanto
Meu alívio nas horas tristes de melancolia
É a bandeira de minha luta, é por quem
morro
É minha aurora, minha luz e meu tesouro

Teus cabelos fios dourados dos meus sonhos
São as fimbrias dos horizontes ao afago dos
meus dedos
São os rutilos raios do meu sol de amor
São o símbolo de tua beleza, de teu encanto
de anjo

Os teus olhos! Os teus olhos! Tem beleza
De noite de estrela de anjos a cantar
Tem carícia do veludo e a luz do sol
Mas tem o brilho macio de lua cheia

Tu és minha querida enfim meus dias



**Para alguém que dirá com
saudades quando vier**

Minha mente examina se debate
Por querer em massa exará
Toda a beleza que aqui ficar

Esta beleza que me abate
Faz com que eu fique ao sabor de um
vendaval
Dilacera o meu coração hoje que parto de
minha terra natal



O Jovem Eu

Um olhar partido como um estrondo
Nas cruéis desventuras nas vis sortes
É o cruel vazio são as torpes
Curvas das misérias imunda do mundo

Vê-se um jovem com um triste olhar
Nos seus pensamentos está pensando
Apesar de tudo está se deleitando
Nas dificuldades que a vida lhe dar

Este jovem a vida vive bem
Confortado na imortal esperança
De algum dia ser chamado alguém

Seu nome imortal ficara no coração meu
Para a perplexidade de alguém que me ouça
Chamarei este jovem de eu



Meu único amor

Minha mãe que sempre sempre conheci
Viveu ao meu lado toda a minha infância
Embalava-me sussurrava baixinho
Dorme meu filho dorme minha criança

Este amor classifico meu único amor
Pois é indissolúvel inacabável
Não é como os amores banais que por aí passam
Não é covarde não retrocede é inabalável

Todos amores que em mim pousaram
Como pássaros nômades não ficharam-se
nem os reconheci com ardor
Sentindo uma necessidade inebriante proclamo
É minha mãe meu único amor



Pedido

Meu Deus conservai no mundo
O que eu mais quero
Sou pecador bem sei porém
Com o coração ardendo em fogo vos peço
Minha mãe é a lâmpada
Que me guia nas tristezas
Me dá alegria é tudo
Que me peito encerra
Na minha luta pela sobrevivência na terra
Minha alma vagando soluça sem parar
Meu cérebros muitas vezes obscurecido
Teu coração não cabe aqui na terra
No entanto mãe teu coração aqui está
Mãe eu que direi Tu és
Mãe és Mãe



O teu seio

O teu seio... o teu seio, o seio ardente
Que palpita constante e em tal doçura
Faz-me te amar e a tua formosura
Deseja-la prá mim, prá mim somente

O tremor o gemer do seio quente
Que o meu olhar desejoso em ti procura
É um suspiro da alma de brandura
Que alimenta este fogo em mim crescente

Ah! Eu quisera por ti amado
Pôr o meu lábio em teu rosado
Gozar-te em fim, oh! anjo meigo e santo

Quisera adormecer encobertado
Em teus cabelos louros abraçado
Em teu mimoso seio que cheira, tanto



Anexos



Às Gerações Futuras

Eu vos contemplo
Da face oculta das coisas.
Meus desejos são inconclusos,
Minhas noites sem remorsos.

Eu vos contemplo,
Pelas grades insensíveis.
Meu sonho,
É uma grande rosa.
Minha poesia,
Luta.

Eu vos contemplo,
Da virtual extremidade.
Minha vida (pela vossa).
Meu amor,
Vos liberta.

Eu vos contemplo
Da própria contingência.
Mas minha força
É imbatível
Porque estais
À espera.



Eu vos contemplo
Do fogo da batalha.
Meus soldados
Não se rendem.
O outro dia
Chegará.

Eu vos contemplo
Gerações futuras,
Herdeiros da paz e do trabalho.
As grades esmaecem
Ante o meu contemplar.

Emmanuel Bezerra dos Santos
Base Naval de Natal/1969



A Las Generaciones Futuras

Yo os contemplo
De la face oculta de las cosas
Mis deseos son inconclusos
Mis noches sin remordimientos

Yo os contemplo
Por las rejas insensibles
Mi sueño
Es una grande rosa
Mi poesía
Lucha

Yo os contemplo
De la virtual extremidad
Mi vida (por la vuestra)
Mi amor os liberta

Yo os contemplo
De la propia contingencia
Pero mi fuerza
Es imbatible
Porque estás
A la espera



Yo os contemplo
Del fuego de la batalla
Mis soldados no se rinden
El otro día llegará

Yo os contemplo generaciones futuras
Herederos de la paz y del trabajo
Las rejas se conmueven
Ante mi contemplar

Emmanuel Bezerra dos Santos
Base Naval de Natal/ 1969

Tradução: Eugênio ... , direto dos Andes

